

**O VOCABULÁRIO CARIBENHO:
DIFICULDADES NA TRADUÇÃO DE *LES FENÊTRES DE APOLLINAIRE***

Álvaro Faleiros (Universidade de Brasília)
Professor Adjunto de Francês – língua e tradução

*Tanto o estudioso da tradução quanto o didata depara freqüentemente com dificuldades interpretativas de ordem cultural. Nas linhas que seguem, descreve-se algumas opacidades presentes no texto *Les fenêtres de Guillaume Apollinaire* e mostra-se como elas induziram os tradutores lusófonos deste poema ao erro. A identificação de desvios interpretativos pode indicar caminhos que ajudem a evitar esse tipo de erro.*

Escrito para um catálogo da exposição de Delaunay, o poema *Les fenêtres* de Apollinaire é considerado um de seus textos mais revolucionários¹. A passagem rápida por diferentes contextos imagéticos confere ao texto uma velocidade surpreendente. No meio desse conjunto de referências, há um momento em que o autor passeia por referências que remetem ao universo antilhano. O desconhecimento desse fato cria uma série de opacidades para o tradutor desavisado que acaba induzindo-o ao erro. No trecho em questão, lê-se:

*Tours
Les Tours ce sont les rues
Puits
Puits ce sont les places
Puits
Arbres creux qui abritent les Câpresses vagadondes
Les Chabins chantent des airs à mourir
Aux Chabines marronnes²*

Os termos no trecho supracitado que exigem, primeiramente, do tradutor especial atenção são *Caprêsses*, *Chabins* e *Chabines*, todos iniciados por maiúsculas. Uma busca em dicionários franceses como o *Larousse* ou o *Robert* não ajudam em nada o tradutor, uma vez que esses termos não constam nos mesmos. Diante desse fato, os tradutores parecem ter optado por trabalhar com induções que pressupõem, por exemplo, que *Câpre* remete provavelmente a *caprino* e que *Chabin(e)* remete a *chèvre* (cabra).

¹ Debon (2004: 53) afirma que: “este poema mítico aparece como a emergência de uma nova fala poética. Ele joga com elementos coloridos e luminosos, equivalentes poéticos dos “contrastos simultâneos” do pintor (Delaunay)”. (Traduções Minhas, salvo indicação).

² Poema na íntegra anexo.

Dessa maneira, as traduções brasileira e portuguesa feitas nos anos oitenta (APOLLINAIRE, 1984; 1989) chegaram ao seguinte resultado:

| | |
|--|---|
| Torres | Torres |
| As torres são ruas | As torres são as ruas |
| Poços | Poços |
| Poços são praças | Poços são as praças |
| Poços | Poços |
| Árvores ocas que abrigam cabras vagabundas | Árvores ocas que abrigam as cabritas vagabundas |
| Os bodes cantam árias de morrer | Os Carneiros cantam árias agónicas |
| Às ovelhas marrons | Às Cabras castanhas |

(Trad. Hecker Filho, 1984)

(Trad. Jorge de Souza Braga, 1989)

Hecker Filho chega, por um lado, a *cabras*, *bodes* e *ovelhas*, iniciados por minúsculas; o que apaga qualquer possibilidade de particularização gráfica dos termos, diferentemente do original. Por outro lado, mais sensível à marcas do autor, Jorge de Souza Braga conserva as iniciais maiúsculas em dois dos três termos; o que cria, contudo, uma disparidade entre o primeiro termo (cabrita) e os demais.

Uma pesquisa em outras fontes mostra que, na realidade, os dois tradutores equivocaram-se por não considerarem uma possível leitura cultural dos textos. Ao longo de *Les fenêtres* há uma série de referências a lugares que culminam, nos últimos versos:

Paris Vancouver Hyères Maintenon New-York et les Antilles
La fenêtre s'ouvre comme une orange
Le beau fruit de la lumière

A chave para se penetrar em uma dessas janelas é, como indicam os versos acima, justamente as Antilhas. Nesse conjunto de ilhas de colonização francesa, esses três termos têm uma conotação específica.

O *Trésor de la Langue Française*, define *Câpre*, *Caprêsse* da seguinte maneira: “[Nas Antilhas Francesas] Pessoa descendente do cruzamento de negro e mulato. [...] derivado de *câpre* (alcaparra) “botão de flor”, por analogia de cor”³. Trata-se, pois, de uma pessoa parda, definida em função da cor de sua pele, por analogia com a cor da alcaparra. Não se

³ “CÂPRE, CÂPRESSE. [Aux Antilles françaises] Personne issue du croisement de nègre et de mulâtre. [...] issu de *câpre* « bouton de fleur » p. anal. de couleur”. In: IMBS & QUEMADA (1971-1994).

trata, pois, de uma *cabra*, mas provavelmente, no sentido figurado, de uma *cabrita*, visto que este segundo termo refere-se, segundo Houaiss & Villar (2001), a: “mulher bem morena ou mestiça”.

A escolha de Braga não parece, contudo, consciente, uma vez que escreve *cabrita* em minúsculas e, em seguida, opta por *Carneiros* e *Cabras*, em referência direta aos animais. *Cabin* e *Chabine*, contudo, são também denominações dadas aos mulatos. Segundo o *Vocabulário da escravidão da Martinica*, *Chabin* é o “mulato de pele clara e de cabelos castanhos ou ruivos”⁴.

Ao entrevistar Raphaël Confiant, a jornalista Chantal Anglade confessa seu desamparo diante do termo e afirma que : “esta palavra vai tornar evidente para o leitor francês sua própria ignorância (compreende-se “mulato”, “mestiço”, mas não se compreende “Chabin”)”⁵. Anglade, diante do primeiro choque, recorreu a conhecidos das Antilhas e chegou à conotação caribenha do termo.

A incompreensão dos tradutores perante a referência ao mulato existente em *Chabin* soma-se a um outro erro, que faz com que traduzam o adjetivo *marronnes* por *marrons* e *castanhas*. Note-se, primeiramente, que a forma *marronnes* não pode referir-se à cor, uma vez que não há, em francês, flexão de gênero nem de número no adjetivo referente à cor *marron*. Logo, a forma flexionada, obrigatoriamente, diz respeito à segunda acepção do termo, que encontra-se no dicionário *Le Petit Robert*, onde se lê: “1640, palavra das Antilhas [...] Escravo negro *marron*: que fugiu para viver em liberdade”⁶. A não diferenciação entre o adjetivo invariável indicativo da cor e o adjetivo de origem antilhana levou os dois tradutores a uma interpretação errônea do poema. Soma-se a isso o fato de que, em português, a forma mais utilizada é *marrom*, adjetivo invariável.

Na terceira tradução de que dispomos do poema, Pignatari (1996) foi sensível ao sentido de *marronnes*, como se nota no trecho abaixo:

⁴ “**Chabin**. Mûlatre à la peau claire et aux cheveux châains ou roux.” In: www.esclavage-martinique.com/fr/def/chabin.htm. Consultado em 14/09/2005.

⁵ ...ce mot qui va frapper le lecteur métropolitain d’ignorance (on comprend « mulâtre », « métis », on ne va pas comprendre « chabin ». In : www.remue.net/article.php3?id_article=548. Consultado em 14/09/2005.

⁶ “1640, mot des Antilles [...] Esclave nègre marron : qui s’est enfuit pour vivre en liberté”. In: REY & REY-DEBOVE (1990).

Tours
As Torres são as ruas
Poços / Depois
São praças lugares
Depois / Poços
Árvores ocas que abrigam alcaparras vagabundas
Os Chabinos cantam árias de morte
Às Chabinas fugitivas

(Trad. Décio Pignatari)

A sensibilidade do autor, entretanto, não o impediu de acrescentar em demasia surrealidade às imagens do texto de Apollinaire. Imaginar “alcaparras vagabundas escondidas em árvore ocas” pode até fazer algum sentido, mas não em um contexto antilhano, que se desdobra nos versos seguintes, nas imagens dos *Chabins* e *Chabines*. A escolha de Pignatari, apesar de lúdica, insere no texto uma dose exagerada de invenção, uma vez que os termos em francês remetem a um contexto bastante específico. Procurar um termo tão específico quanto *Chabinos* e *Chabinas* (que são o cruzamento do carneiro com a cabra) o distancia do texto de Apollinaire. Como acima assinalado, no poema “*Les fenêtres*”, Apollinaire explicita os lugares-janelas que abrem-se no poema.

A partir dos comentários tecidos, propomos para este trecho de Apollinaire a seguinte tradução:

Tours
As Torres são as ruas
Poços
Pois eles são as praças
Poços
Árvores ocas que abrigam Mulatas vagabundas
Os Cabras cantam árias de morte
Para as Cabritas fujonas

A escolha do termo *mulatas*, ainda que não cause estranhamento como o faz o termo original, remete diretamente à cor mestiça. Observe-se, porém, que o Brasil situa-se geográfica e politicamente muito mais próximo das Antilhas do que da França, desse modo, é natural que os termos ligados à mestiçagem não soem estranhos, em português, para um brasileiro..

Note-se, também, que, assim como nos termos *Cabras* e *Cabritas*, ecoa em *Mulata* uma animalidade, espécie de antropofomização (originalmente pejorativa), ou seja,

potencializa-se, também em português, a etimologia e/ou a correspondência fônica existente em *Câpresse*-caprino e *Chabin-chèvre*. Já foi salientado que *cabrita* remete à mestiça de branco e negro; o mesmo ocorre com *cabra*; substantivo masculino, que aparece, com o sentido de mestiço, no dicionário *Houaiss*, apenas na décima segunda entrada. Mas, na cultura popular, de acordo com Tomé Cabral (1973), a acepção primeira de *cabra* é mestiço “moreno-claro, geralmente pálido ou de cor terrosa”. Definição que se aproxima muito daquela de *Chabin*, supracitada.

O termo *marronnes*, por sua vez, traduz-se bem por *fujonas*, visto que este é o adjetivo que normalmente se utiliza quando faz-se referência aos escravos que conseguiam escapar das senzalas em busca de liberdade. Aliás, a existência de analogias histórico-culturais entre o Brasil e as Antilhas, pode ser um frutífero instrumento na interpretação de discursos vinculados às antigas colônias.

Há um outro aspecto interpretativo que aparece nas primeiras linhas do trecho aqui em questão que não diz respeito diretamente às Antilhas, mas que é, provavelmente, o maior desafio de qualquer tradutor: o *signo duplo*. Riffaterre (*apud* LARANJEIRA, 1993: 104) define-o como “palavra que liga cadeias associativas que correm paralelamente numa frase”. Por exemplo, em francês, o termo *Tours* remete tanto à cidade com este nome, quanto a *torre*. O termo *puits*, assim grafado significa *poço*, mas é homófono a *puis* que pode ser traduzido, entre outros, por *depois*, *em seguida*, *pois*. Atento à polissemia, Pignatari é o único a trazer para sua tradução diferentes possibilidades, ainda que tenha introduzido uma dificuldade lectural inexistente no texto de Apollinaire ao explicitar os possíveis sentidos com sua fórmula *poços/depois; depois/poços*. Em nossa tradução, procuramos um meio termo, abrindo as possibilidades de leitura, sem deslocar em excesso os percursos de leitura.

Enfim, as breves colocações feitas apontam para alguns cuidados necessários no momento da interpretação de um texto. Primeiramente, evitar qualquer tipo de suposição que possa levar a equívocos graves, e não inventar soluções mirabolantes que não tenham respaldo em nenhuma fonte, ou seja, é arriscado deduzir *câpre* (alcaparra) de *câpresse* ou contentar-se com a semelhança entre *Chabin* e *chèvre*. Em seguida, manter-se atento para a morfossintaxe da língua de partida, caso contrário pode-se interpretar erroneamente

adjetivos que sejam homônimos em sua forma masculina e singular, como é o caso de *marron*. Enfim, as liberdades que o tradutor se concede são mais justificáveis quando aproximam-se dos princípios retórico-formais que regem o texto de partida, fonte que, em geral, indica-nos caminhos para sua interpretação.

Bibliografia

1. Dicionários

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFCE, 1973.
HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
IMBS, Pierre & QUEMADA, Bernard. (Org.) (1971-1994). *Trésor de la Langue Française: dictionnaire de la langue du XIX^e et du XX^e siècle*, 16 vols. Paris: Editions du CNRS.
REY, A. & REY-DEBOVE, J. *Le Petit Robert*. Paris: ROBERT, 1990.

2. Outras referências

APOLLINAIRE, Guillaume. *Oeuvres poétiques*. Paris: Gallimard (Coll. De la Pléiade.), 1965.
_____. *Escritos de Apollinaire*. Tradução, introdução e notas de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1984.
_____. *O século das nuvens*. Tradução de Jorge de Sousa Braga. Lisboa: Hiena, 1989.
DEBON, Claude. *Calligrammes de Guillaume Apollinaire*. Paris: Gallimard, 2004.
LARANJEIRA, Mário. *Poética da Tradução*. São Paulo: EDUSP, 1993.
PIGNATARI, Décio. *31 poetas 214 poemas: do Rig-Veda e Safo a Apollinaire*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Anexo

“Les fenêtres”

*Du rouge au vert tout le jaune se meurt
Quand chantent les aras dans les forêts natales
Abatis de pihis
Il y a un poème à faire sur l'oiseau qui n'a qu'une aile
Nous l'enverrons en message téléphonique
Traumatisme géant
Il fait couler les yeux
Voilà une jolie fille parmi les jeunes Turinaises
Le pauvre jeune homme se mouchait dans sa cravate blanche
Tu soulèveras le rideau*

*Et maintenant voilà que s'ouvre la fenêtre
Araignées quand les mains tissaient la lumière
Beauté pâleur insondables violets
Nous tenterons en vain de prendre du repos
On commencera à minuit
Quand on a le temps on a la liberté
Bigorneaux Lotte multiples Soleils et l'Oursin du couchant
Une vieille paire de chaussures jaunes devant la fenêtre
Tours
Les Tours ce sont les rues
Puits
Puits ce sont les places
Puits
Arbres creux qui abritent les Caresses vagabondes
Les Chabins chantent des airs à mourir
Aux Chabines marronnes
Et l'oie oua-oua trompette au nord
Où les chasseurs de ratons
Raclent les pelleteries
Étincelant diamant
Vancouver
Où le train blanc de neige et de feux nocturnes fuit l'hiver
Ô Paris
Du rouge au vert tout le jaune se meurt
Paris Vancouver Hyères Maintenon New York et les Antilles
La fenêtre s'ouvre comme une orange
Le beau fruit de la lumière*